

A CULTURA DO FEIJOEIRO: ASPECTOS CONJUNTURAIS E SOCIOECONÔMICOS

Lidia Pacheco Yokoyama¹

Kossei Banno²

João Kluthcouski¹

O feijão destaca-se como importante fonte de proteínas na dieta alimentar do povo brasileiro, sendo um prato quase obrigatório da população rural e urbana. Devido a sua boa adaptação às mais variadas condições edafoclimáticas do Brasil, o feijoeiro faz parte da maioria dos sistemas produtivos dos pequenos e médios produtores, cuja produção é direcionada ao consumo familiar e comercialização do excedente. Mais recentemente, o feijoeiro passou a ser cultivado também na época de inverno (período seco), sob irrigação, atraindo médios e grandes produtores, geralmente usuários de tecnologias.

O feijoeiro comum (*Phaseolus vulgaris*, L.) é a espécie mais cultivada entre as demais do gênero (*P. coccineus*, *P. acutifolius*, *P. lunatus*), contribuindo com cerca de 95% da produção mundial de *Phaseolus*. Considerando todos os gêneros e espécies de feijão englobados nas estatísticas da FAO (1993), o Brasil é o segundo maior produtor de feijão do mundo, perdendo apenas para a Índia. A taxa anual de crescimento da produção mundial de feijão foi de 0,4% no período de 1985 a 1993. Considerando apenas o gênero *Phaseolus*, o Brasil é o maior produtor do mundo, seguido pelo México.

O feijão é uma leguminosa bastante difundida em todo o território nacional. É plantado, preferencialmente, como cultura de subsistência, em pequenas propriedades, muito embora tenha havido, nos últimos anos, crescente interesse de produtores de outras classes, em cujo sistema de produção são adotadas tecnologias avançadas, incluindo a irrigação por aspersão. O sistema de comercialização é o mais variado possível, predominando um pequeno grupo de atacadistas que concentra a distribuição da produção, gerando, muitas vezes, especulações quando ocorrem distorções na média de produção.

¹ Pesquisador, M.Sc., EMBRAPA - Centro Nacional de Pesquisa de Arroz e Feijão (CNPAP), Caixa Postal 179, 74001-970 Goiânia, GO.

² Técnico de Planejamento, Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), SGAS 901, Bloco A, Lote 69, 70390-010 Brasília, DF.

Como este trabalho trata apenas do feijoeiro comum e, também, por não existirem estatísticas oficiais separando os gêneros *Phaseolus* e *Vigna*, foram usados dados estimados de área e produção do gênero *Phaseolus*, no período de 1990 a 1994, para as Regiões Norte e Nordeste, onde são cultivados os dois gêneros. Os percentuais estimados de área e produção referentes ao gênero *Phaseolus* foram fornecidos através de contatos pessoais, pela Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária (IPA) e pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).

Segundo estimativas baseadas nos dados da safra de 1994, 77% da produção brasileira de feijão foi proveniente do gênero *Phaseolus* e 23% do gênero *Vigna*.

A área cultivada, produção e produtividade do feijão (*Phaseolus*) vêm crescendo ao longo dos últimos cinco anos. Estimou-se que, no período de 1990 a 1994, a área plantada, produção e produtividade apresentaram acréscimos de 3%, 35% e 31%, respectivamente. Quanto à taxa anual de crescimento, neste mesmo período, a área cresceu 0,6% ao ano, enquanto a produção e a produtividade tiveram aumentos de 6,0% e 5,5% ao ano, respectivamente. O aumento na produtividade, nesse período, deveu-se, em grande parte, à introdução de variedades mais produtivas e mais resistentes às doenças e à expansão de cultivo em áreas com irrigação por aspersão, com melhor aplicação de tecnologias.

Em nível regional, a produção nacional de feijão do gênero *Phaseolus*, baseando-se em dados da safra de 1994, apresentou os seguintes índices: a Região Sul participou com 40%, seguida pelas Regiões Sudeste (29%), Nordeste (19%), Centro-Oeste (7%) e Norte (5%).

Dependendo da Região, o plantio de feijão é feito ao longo do ano, em três épocas. A primeira, também conhecida como safra das "águas", é plantada entre agosto e dezembro e concentra-se mais nos Estados da Região Sul; a segunda safra, ou da "seca", abrange todos os Estados brasileiros e seu plantio ocorre entre janeiro e abril; e a terceira safra, ou de "inverno", concentra-se na região tropical e é plantada de maio até julho ou agosto, dependendo do Estado. Portanto, em alguma região do País, durante todo o ano sempre haverá produção de feijão, o que contribui para a melhoria do abastecimento interno.

O principal tipo de grão cultivado no país é o carioca. A produção de feijão-preto ainda é insuficiente para atender à demanda interna, concentrada principalmente nos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. A Região Sul produz cerca de 80% do feijão preto

consumido no País, e a suplementação do mercado é feita através de importações, principalmente da Argentina e do Chile e, eventualmente, do México e dos Estados Unidos.

Com relação ao consumo do feijão, não é possível a separação dos gêneros, portanto serão considerados os gêneros *Phaseolus* e *Vigna*.

Nos últimos 25 anos, o Brasil apresentou grandes oscilações no consumo de feijão *per capita*, ficando a média, neste período, em 17,5 kg/hab/ano. O consumo médio *per capita*, que no período de 1970 a 1974 chegou a 21,4 kg/hab/ano, caiu, no período de 1990 a 1994, para 16,6 kg/hab/ano, sofrendo, portanto, uma redução de 22,4%. O maior consumidor continua sendo a Região Nordeste (20,8 kg/hab/ano) e, no outro extremo, está a Região Sul, cujo consumo é de apenas 12,9 kg/hab/ano. Em 1992, o consumo nas demais regiões foi o seguinte: Norte = 14,7 kg/hab/ano; Sudeste = 18,2 kg/hab/ano; e Centro-Oeste = 13,9 kg/hab/ano (Vieira, Brasília, IPEA, Estudos de Política Agrícola - Documentos de Trabalho, n.25, 119p., 1994).

Dos quatro países que compõem o MERCOSUL, o Brasil é o maior produtor e consumidor de feijão. Na safra 1994, quando a produção desses países alcançou cerca de 3,5 milhões de toneladas, o Brasil produziu o equivalente a 3,2 milhões de toneladas, correspondentes a 91% da produção total dos países. Caso a Argentina venha a aumentar a produção de feijão de cor, a safra brasileira deverá ser afetada, uma vez que as importações estão livres e o produto argentino é mais competitivo.

O mercado de feijão é muito instável, sofrendo grande interferência de atuações informais de atravessadores na sua comercialização. O consumo, por sua vez, está interrelacionado com o volume colhido no ano, pois o produto deve ser comercializado no mercado interno logo após a sua colheita e, preferencialmente, dentro da safra, pois é muito suscetível ao envelhecimento rápido do tegumento, o que deprecia o valor comercial. Quando armazenado por mais de dois meses, sobretudo as cultivares do tipo carioca, o feijão sofre mudanças na coloração, e passa a ser menos aceito devido a sua difícil cocção.

O consumo *per capita* do feijão tem sofrido grandes oscilações nos últimos anos. Caso houvesse permanecido nos níveis de 1971, seriam necessários 3,9 milhões de toneladas. No entanto, para 1995, estima-se algo em torno de 3,2 milhões de toneladas. Não há perspectivas de que o consumo retorne aos patamares da década de 70, pois a substituição do feijão por outros alimentos mais práticos, como o macarrão, é um fato consolidado. Além do mais, o êxodo rural para os centros urbanos tem contribuído para a mudança do hábito alimentar.